

Trimestre .....	2\$000
Semestre .....	4\$000
Anno .....	8\$000

# O PENSADOR

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

El seu nome e deo para o futuro, e o circumdancia: aml: vort: doctum: in septima hominum, in actum ad circumstantiam eorum. (S. Paulo, Epistola Cap. V, v. 11. ad Ephesios.)

Maranhão, 10 de Agosto de 1881

Propriedade de uma associação.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE AGOSTO DE 1881.

#### Litré—o catholico.

A queda de uma religião é sempre precedida de acontecimentos extraordinarios. Conscia de sua proxima morte, de seu completo aniquilamento, ella sente a necessidade de um esforço supremo. Reconhece o imperioso dever que lhe corre de prolongar, quanto possivel, os seus inglorios dias.

Quando o christianismo appareceu sobre a terra, reconheceram os pagãos que os seus idolos estavam por terra. Viram que estavam contados os seus dias. Tinham de, forçosamente, ceder o passo á idéa nova que apresentava em nome do aperfeiçoamento da humanidade.

E então começou a luta Christo — o grande revolucionario — foi crucificado. Os seus discipulos, aquelles que se tornaram os propagadores de suas santas doutrinas, soffreram morte affrontosa. O martyrio era o futuro que aguardava os sectarios do christianismo.

E contanto elle venceu. Propagou se por todo o orbe. Em breve dominava em todos os corações.

Hoje que o sacerdote consegue soffocar o christianismo, hoje que a esse sa-

lúme código do moral, elle substituiu uma egreja que declara guerra a razão, combate a virtude, nós somos os restauradores das doutrinas de Christo.

E como não dispõe de poder, lança mão de outro meio. Como não tem Cozar, o tyranno, o despota, por instrumento, recorre a uma outra arma. Serve-se da perfidia. Usa da mentira.

Sempre que um homem glorioso desce ao tano, apparece um miseravel que, dizendo-se amigo do illustre morto, torna-se o infamador de sua reputação. Hesde Valhaire, até Litré, vê-se sempre verificar-se esta verdade.

Litré foi um dos espiritos mais adiantados do século. Foi um dos mais dotados adversarios do obscurantismo religioso que nos quereza impor. Era mister exercer contra elle uma cãndida. Quando vivo, elle era invulneravel. Qualquer mentira, que a seu respeito inventassem, seria immediatamente desfeita. Forçoso foi addar o trabalho para depois de sua morte.

O abbade Hyellu, um miseravel, um faciao do papado, sabendo da proxima morte d'aquelle de quem se dizia amigo, para lá se dirigiu immediatamente: Iludindo á duas frageis mulheres, a quem já prendera pela superstição, conseguiu acercar-se do leito do leito do moribundo.

Alli, porém, já não funcionava aquelle ingenho fecundo que fóra o assento do mundo. Aquella razão que com seus panpejos illuminara a humanidade já não agia. Naquelle corpo, outr'ora poderoso, pela força de uma energia herculea, só se encontrava a fria rigidez do cadaver.

Litré já não existia. O padre, o infamo, porém, não tropidou. Baptizou um homem que já morrera. Chamou para o ceo da religião catholica o corpo inanimado d'aquelle que fóra o seu maior inimigo.

E assim foi consumado esse facto satânico, sacrilego que se chama a conversão do Litré. Assim foi que teve lugar essa comedia de que se ufana o jornalismo catholico.

Mas este facto, longe de provar uma conquista para a religião dos papas, demonstra, e de uma maneira incontestavel, a sua fraqueza.

O que fizera o paganismo com a força, faz o catholicismo com a perfidia.

Assim como um haqueon, o outro necessariamente desapparecerá.

Nós quereamos apressar-o.

E esse o nosso intento.

### O Vigiense.

O jornal cujo titulo, com repugnancia acabamos de escrever, sacodia-nos do centro escuro da sua pequenez, das profundezas negras de sua ignorancia, umas injurias baixas e mesquinhãs e só dignas do canalha que, embriagando-se nas tabernas, insulta, grosseira e estupidamente, á quem quer que lhe passe por perto. Naturalmente taes cousas fóro escriptas d'alguma sacristia e depois de ter o padre Mancio, redactor do Vigiense, dito alguma missa. Abi bebe-se vinho. Christo engolido não impossibilita que o padre se embriagasse.

O Vigiense, como orgão do partido catholico, cumpre assim o seu programma. O Vigiense é uma gazeta clerical.

O padre—que foi creado por Satan para vingar-se de Deus—não podendo deitar, por ser-lhe completamente impossivel, a carreira veloz da locomotiva do progresso, lança as maldições do passado sobre aquelles que, cantando a Marselheza, seguem a estrada brilhante do futuro em procura da perfectibilidade, esse ponto dado para a grande fraternisação de todos os povos, o que chamar-se-ha então a—grande republica humana—esse sonho divino do enorme revolucionario que, ha desenove seculos, expirou sobre uma cruz, legando á humanidade es germens de todas as nossas liberdades.

S. S., por vêr mais uma vez o quanto as suas boas qualidades são apreciadas por nós que o quereamos, estimamos e que não podemos viver sem ter o pensamento fixo em sua pessoa, e nós, por termos occasião de mais uma vez expor ao publico os dotes que ornão a preciosa individualidade de S. S.

O Sr. Puzeza, permitta, foi ingrato para conosco.

Longe de alimentar no pensamento a idéa de que a variedade publicada no nosso periodico, referia-se a sua pessoa, devia antes adorar-nos, corresponder aos nossos effectas, fazer-nos felizes, a nós, que soluçamos pela sua amizade e pelos seus carinhos.

O artigo que publicamos e que deu origem a sanza de S. S. conosco, em vez de ser prejudicial e intempestivo é de uma grande utilidade, não só para o publico como tambem para S. S.

O publico pela sua leitura procurará descobrir quem é o tal Sr. Puzeza e fechar-lhe as portas de suas casas e S. S. que é um homem dotado de boa fe e de boas intenções, fugirá espavorido ante tal monstro, e fará todos os esforços possiveis para nunca approximar-se d'elle.

E em troca de tanto beneficio e de tantos cuidados o que deu-nos o Sr. Moyses Saraiva?—A peor coisa deste mundo, a—ingratião!

Perdounos-lhe porque lhe quereamos bem, e com os olhos arrasados de lagrimas exclamamos:

Ah! ingrato, quanto nos magoastes!

Ah! breve.

*Paulo d'Alc.*

### FOLHETIM.

#### Ora o Sr. Puzeza!

X. Y. Z. um das nossas maiores amigas e distinctas collaboradoras, publicou no ultimo numero deste periodico uma variedade sob o título de «São couzas...» onde descreve com a graça e elegancia que lhe são peculiares, as fuginhas de um certo typo, que existe entre nós, e que acode ao nome de Sr. Puzeza.

Dias depois fomos surpreendidos e ao mesmo tempo magoados ao deparar no País um artigo assignado pelo Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva, no qual se nos faz graves e injustas accusações.

Diz o Sr. Moyses, que o Puzeador pouco depois de sua appareição tem-no constantemente ridicularisado, mas que elle ha de desmascarar os seus calumniadores, em nome de sua honra, dignidade, etc.

Com certeza o Sr. Tude, na occasião em que lançou mão da penna para accusar-nos, achava-se alucinado ou occupado por qualquer acontecimento grave. Não nos occorre outra maneira de encerrar o procedimento e a ingratião que teve o Sr. Puzeza para conosco.

Acreditam pois o Sr. Saraiva que nos prezariamos as columnas do nosso jornal para quem quer que fosse ouzasse ferir a sua reputação e ridicularisal o no conceito publico?

Ora pelo amor de Deus, Sr. Puzeza, tenha a bondade de fazer outro camento de nossas pessoas.

Nós não costumamos divertir-nos com todos. Só o fazemos com aquelles que pelas seus actas a isso se prestam.

Estara o Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva neste caso?

Gremos que não, ainda que S. S. com o tal artigo do País dê a entender ao publico que o nosso intento foi molestalo e expello á irritão.

Desculpamol o, e para que S. S. fique cabalmente convencido de qual foi nossa intenção, vamos ligeiramente mostrar a differença que existe entre o Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva e o nosso Sr. Puzeza.

O nosso Sr. Puzeza, é um velhote baixo e gordo, de côr acoraxada, de olhos travessos e haliçoes e andar ligeiro e apressado. Traja-se menos mal, usa calças um pouco curtas e é companheiro inseparavel de um sebento chapão de manilha.

O Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva é completamente differente do typo que descrevemos.

S. S. é um pouco iluso, de altura e corpo regulares, moreno, de olhos quietos e de andar grave e pesado.

O nosso Sr. Puzeza, é um apresentado de marca, um refinado jesuita, um typo que apparece da idade arvora-se em D. Juan desmantelado e pluta toda a serie de banalthezas que pode. É todo mettido a cebo, gosta de mapas, finge-se de devoto e vai passando a vida tendo afivelada á cara a máscara da hypocrisia.

O Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva é pela contrario, um homem sisudo, de ideias livres republicanas como as nossas, e compo-

netra-se da cidade que tem e despreza as conquistas amorosas. Detesta as praxeres e quanto á materia de religião não approva os abusos e as banalthezas que em nome de Christo alguns sacerdotes têm praticado entre nos.

O nosso Sr. Puzeza, é um verdadeiro espolto de quem tem dinheiro, um casado que não compentra-se de seus deveres e que tem como homem particular uma chronicca digna de lastima.

O nosso Sr. Puzeza, é o ingrato que mostrando-se amigo de um pobre empregado de um alto funcionario, aconselhava-o constantemente a commetter dividas que não se achavam de acordo com suas posses, e que depois de gozar e viver a custa do pobre moço, arvora-se em calumniador o accusa a seu pobre amigo ao babaque do amo, emprestando-lhe a pecha de ladrão e do libertino.

É o heuam que sendo casado e creando em sua companhia um innocente, espiçea de seus deveres e de um momento para outro torna-se um seductor e lança a pobre e infeliz creatura em triste e degradante situação.

O nosso Sr. Puzeza, é um ente que deve ser honido de nossa sociedade, adiado pelas pessoas do bem e temido pelos innocentes e incautos.

O Sr. Moyses Tude da Puzeza Saraiva não tem nada disso. É um homem como o fant, um cidadão prestante, estimado e acatado pela sociedade. Vive em nossos corações e sempre encontrar-nos-ha promptos para admiralo, amalo, e proteje-lo, caso necessite de nossos prestimos. S. S. e nós devemos estar completamente satisfeitos.

O padre, nada mais podendo fazer, contenta-se, sinistro contentamento? em injuriar aquelles que tiveram a felicidade de libertar-se da tutela despotica e embaucadora da religião. E como deixar de ser assim?

E' preciso manter, caluniar, insultar, para bem poder-se advogar os interesses d'uma religião que tem procurado por todos os modos destruir tudo aquillo que pode engrandecer e elevar a humanidade, esclarecer a razão, illuminar as consciências — d'uma religião que com a cruz do Christo acendia as fogueiras do Santo Officio, que substituiu o Evangelho pelo Sibilus, isto é — o bem pelo mal, a verdade pela mentira — que tirou Deus pelo papa — d'uma religião que jaz, enfim, deitada por terra, como a prostituta ignota nas bacelhanas da antiga Roma.

E' o que faz o Vigieiro, — é o que tem feito a Confissão. E se não for assim, nada conseguirão esses miseráveis de rompa que, como as meretrizes corripas, especulam até com a propria dignidade. E' preciso que muitos, caluniamos insultemos, pois nada mais poderia utilizar, em razão de epocha revolucionaria e por conseguinte reformista, que atravessamos.

Quando uma religião obriga os seus ministros a tremerem a linguagem cheia de paz, de doçura e de consolo, por uma linguagem áspera, grossa e inconveniente, — é que a des-sacralisação, tem contaminado todos os orgãos dessa religião, é que ha muito ella perdéra a fôrça moral, a dignidade propria, para pôder impor-se aos nossos tempos. D'ahi o insulto, a calunias, a mentira, servindo de armas de combate nas adestradas mãos do padre romano. Disse já milhares uma prova brilhante, eloquente, na Confissão. Acabamos de ter uma outra, em idénticas condições, no Vigieiro de 3 de Julho. E' que o padre Mancio é um digno rolleja do ex-auctor das — CARTAS NOS MACHOS.

O que levou o Vigieiro a insultar nos? A razão é simplissima. O publico vai ver.

Como a pergunta é muito natural no jornalismo, nós enviamos ao Vigieiro o nosso periodico. Não contavamos que esse orgão ignorasse semelhante coisa. Pensavamos que fivosse não uma publicação adelantada e elevada, mas que possuisse ao menos alguns principios elementares de civildade, o que é proprio em todo homem que vive em sociedade. O Vigieiro provou-nos nunca ter frequentado uma só escola, e sim estar acostumado a bater com o copo, depois de tello estavado, na madreira do balcão. Está ahí a causa do modo estúpido e insolente com que recebeu o nosso jornal. Grosseria digna d'um ministro do papa.

O Vigieiro recusa-se a permutar em-nosco, porque somos — pasquinesos — As so não é razão. A *Bra Nota* e o *Brazil Catholico*, jornaes clericales, e por conseguinte nossos adversarios, trocáo com a nossa folha. A vista disso o que dizer-se do Vigieiro?... Que o padre Mancio não estava no seu estado natural, quando, grossaria e estupidamente, recolhemos na visita que lhe fizemos. Terá o padre Mancio aquillo que chamam estado natural?...

Ser delicado, tratar bem á todos, e até os nossos propios inimigos, é um dever de todo homem educado, de todo homem que se preza. A civildade por si só constitue uma recomendação. O Vigieiro, porém, demonstrou-nos que se pôde ser padre não se tendo educação alguma, que se pôde servir á Deus, maltratando e insultando o proximo. E' que nos tas vezes a mão do homem occulta a patá do burro. A bacina do padre Mancio esconde um animal bravo. Um escocador com a facilidade de dizer missas, trouha uma magedoura — o pulpito — uma estrelaria — o Vigieiro.

Certas entidades, como o redactor desse pasquim, não nos inspirão odio, o sim desprezo. Custamos desprezar a entidade que na rra nos insulta. Não nos damos

ao trabalho de cortar-lhe a cara com o chicote. D'elle não sahiria uma só gotta de vergonha.

Quando a dignidade tem abandonado um individuo, elle torna-se por isso mesmo digno de desprezo.

E' o que fazemos ao Vigieiro.

Nos desprezamos o padre Mancio.

**A innocencia do padre Ozorio.**

O orgão clerical, esse posto infamante, onde são atadas as reputações de letrados magistrados, ao som das gargalhadas alcoolicas d'uma turba ignota e abjecta, que mede a dignidade alicha pela cravada justitia, procura provar por todos os meios a innocencia do padre Ozorio, réo por crime do calunista.

Ponhamos da parte esse protesto do clero, que nada significa, pois a assignatura do bispo, em primeiro lugar, deixa bem patente que isso foi uma extorsão e não uma manifestação voluntaria d'essa infeliz corporação que devéra mostrar mais independencia, e ramos aos procreadores dos advogados.

O que dizem elles?

«Que no escripto do réo não houve intenção de caluniar.»

Mas é o proprio réo quem se encarrega de contestar-as; pois chamado ao tribunal para defender-se, longe de confessar que não teve intenção de offender, ao contrario levou um batalhão de testemunhas, algumas claramente suspeitas, para provar que a informação do Major era falsa. Ainda não é tudo. O illustre Sr. Lapinberg, advogado do major Cunha, em um escripto publicado no *Diario*, declarou solemnemente — que se o réo confessasse que não teve intenção de offender o seu cliente, elle desistiria do processo. Mas o réo não se conservou-se mudo, e quer agora fazer acreditar ao publico que está innocente!

Mas admitamos que nenhuma destes factos se tivesse dado, ainda assim a criminalidade do réo é clara como a luz meridiana e é o proprio bispo quem se encarrega de provar-o. Em uma carta dirigida ao réo e publicada na ultima *Revista*, diz o irreverido bispo mais ou menos o seguinte: — nada reo; o seu crime é o meo. Confestou uma informação FALSA e fez muito bem. Não é V. Revm, quem vai ao tribunal, é a nossa ideia, sou eu mesmo. Estas palavras do prelado não são unicamente a confirmação da criminalidade do réo. O irreverido bispo quiz, segundo parece, acudir a tribunal do Jury, acreditando francamente que o facto de constituir-se voluntariamente criminoso com o padre Ozorio, podia d'alguma forma enfraquecer a independência com que ali se sustinua julgar.

Mas Sr. Rvm enganou-se.

Quem ali julga é o povo, esse povo que Sr. Rvm, tanto tem magoado, o que de forma alguma receia o impudente baculo episcopal.

**O jury e o pasquim clerical.**

E' realmente digno de lastima o reputado respeito que actualmente offerece o pasquim clerical, orgão do catholicismo, desvariações, notavelmente possessos, os redactores d'aquele papel, sacerdotales de uma religião de paz e caridade, não hesitaram em transformalo em alambique, onde se escreve abertamente na linguagem dos convicções, sem respeito a moral e á sociedade maranhense.

O padre exemplo que lhes damos, de respeito á lei e aos seus excentros, de nada lhes aproveita. O Dr. Everton Maia, juiz que condemna o nosso impressor innocente foi este jornal mais só vez insultado. Conscios da nossa dignidade, sabemos respeitar a alicha, ainda mesmo quando o nosso direito não seja attendido, porque antes de tudo somos brasileiros e cruaes factos incapazes de manchar a magistratura do nosso país.

Singular contraste offerecem os factos que se dizem delinções da religião do Crucificado!

A pronuncia do padre Ozorio, sustentada pelo Colegiado Tribunal da Relação, foi o pretexto misero para o insulto ao bispo e vilão. O meritissimo Juiz que a decretou, os venerandos magistrados que a sustentaram, são as victimas innocentes do furo delirio d'esses homens desviados da razão e da justiça, da prudencia e da moralidade.

Que hero tira o réo do semelhante aviltamento? Sympathia?

Tresbocada illusia, que breve se dissipará.

Não lhes bastava o protesto, esse padre de vexame para o clero maranhense? Não lhes bastava expor á irrisão publica tantos sacerdotes, que condemnaram publicamente todos esses desmaados, mas que assignam, uns forçados pela necessidade e outros por falta d'independencia? Não.

Foi preciso vir ainda o proprio bispo accusellar a rebellião, dizendo que não o é padre que não responde ao Juiz, e uma ideia — que pretenda evidenciar!

Jurados attenta bem n'essas palavras escapadas talvez involuntariamente ao seu ouvido e cumpri como sempre o vosso dever. Não lhes julgar um simples padre criminoso, não. E' muito mais do que isso. E' uma ideia, ideia negra e perigosa que ha tantos seculos paira, qual mais duvida admittir, sobre o crão da liberdade, ideia infame que accusella as ferreas logeiras, cujo combustivel foram nossos antepassados. Ideia miseravel que pretendo ainda hoje, no seculo XIX, escravizar a humanidade.

Jurados matai essa ideia.

**Ao Dr. promotor publico interveio**

O padre Raimundo Alves da Fonseca continua a zombar das leis deste país, que, como cidadão e especialmente como militar, devia respeitar.

O uso illegal de assignas, condecorações, diplomas & c é crime claramente previsto no código brasileiro. No entanto aquelle padre usa diariamente de meias encarnadas e assigna-se — CONEGO, como ainda ha pouco o fez no humilhante protesto do clero maranhense, publicado na *Revista* de 6 do corrente, sem que para isso tenha authorisação alguma.

Sobre esse assumpto, aliás mais importante do que muito nobre polga, deve existir em poder da promotoria uma representação da Relação deste periodico, para a qual chamamos a esclarecida attenção de Ilm.º Sr. Dr. Brandão convencidos de que afinal será por uma vez e severamente punida esta costumaça.

**O conego Raimundo dos Purificadores dos Santos Lemos.**

Quando d'aquí partia para a Corte aquelle distincto Sacerdote, ornamento do clero maranhense, O PENSADOR, assina como todo o jornalismo serio da provincia, fez-lhe honrosa despedida, jurando homenagem tributada ao seu nobre talento e á invejavel independencia com que menosprezou as ameaças burocraticas de um superior idota e as vilanias dos miseráveis que compoem a camarilla negra.

No artigo que então escrevemos refereramos com especialidade e energia esse moderno GYM, seu companheiro de tantos annos, cuja ingratitude deixa a perder de vista a bondozão de crimes semelhantes, que a historia registra com horror.

Nessa occasião o moderno GYM, de quem nos occupamos, mostrou mais uma vez a perpelexo faculdade de sua alma, tão enfezada como o machuco que lhe serve de guarda, apresentando este phrase venenosa: — *De obsequio d' O PENSADOR não se corriaes janellas do conego Purificação.*

O ch' hydrophobu pompa muitas vezes o seu semelhante. A fera só perseguida pela fome ataca o viador. Mas o jesuita, esse conjunto de todas as maldades famosas, a nenhuma pompa!

Na hora da partida todos os corações ainda os mais empederados se deixão commover; mas o jesuita não tem coração. E como a distancia lhe impedia de morder a tubia não que por tantos annos o alimentára, vazou mesmo de longe a negra perolada da ingratitude.

Felizmente porém a propheta da vida não se realizou. E enquanto o jesuita, perseguido pelo despezo geral, barga na praça publica as insignias alichas que empolgara, o conego Purificação outra triumphante em S. João do Barra, onde seus parochianos o recebem de braços abertos bendizendo o acerto da nomeação.

De nada valerão as intrigas d'aquí feitas para a Corte.

O prestigio do eminente pregador tudo vence; e lá mesmo de longe quiz ensinar-lhes o caminho do bem, bastando a lanterna branca, symbolo da paz e da concordia, unica arma, como elle proprio o disse, de que deve uzar o verdadeiro ministro do Senhor.

Singular contraste:

O *crucifixo*, o *velo padre*, cujo unico crime era respeitar a propria dignidade, lá está festojado e estimado por todos, ao mesmo tempo que seus infames detractores, apontados pela vindicta publica arrastados uma existencia miseravel, tão attribuida como as suas proprias consciências.

O PENSADOR congratula-se com os maranhenses pela justiça feita ao illustre conego Purificação, sen contrariame.

**O protesto do Clero Maranhense.**

No dia 3 do corrente, veio da Villa do Para, segundo é publico e notorio, o bispo diocesano, para obrigar o clero a protestar contra a decisão do Superior Tribunal da Relação, que sustentou o despecho de pronuncia contra o réo Ozorio A. da Cruz.

O provelimento do bispo é *naturalissimo*, porque está completamente d'accordo com os seus lamentáveis precedentes. Outra cousa não se devia esperar do nosso *babuino* (o pastor. Quem promoveu e praticou os actos de Quinta-feira Santa em Santo Antonio, não podia proceder de forma diversa. Os actos do Sr. D. Antonio trazon sempre o rumo da irreverencia e da imprudencia; e d'ahi essa serie de disparates que tanto tem celebrizado o infeliz diocesano, creando-lhe a situação embaraçosa em que se achou, e de que difficilmente sahirá.

O que, porém, causou-nos dolorosa surpresa foi a humilhante docilidade do nosso clero.

Ninguém no Maranhão ignora que o clero vive dividido e condemnado abertamente a provelimento frívolo e arbitrario de meza d'uma de especuladores que aproveitaram as *agras laceras* para pescar.

Tudo o mundo sabe que os velhos padres maranhenses detestam esse imperio rrocatorio, verdadeiro author de todas as tropelias aqui praticadas em nome da religião. Mas o que ninguém esperava é que esse mesmo clero não tivesse á independencia necessaria para reagir contra o humilhante papel que lhe desluraram n'essa tristissima comedia.

Porque não rompo o clero, de uma vez para sempre, com essa situação difficil, que tantos desgostos e amarguras lhe tem acarretado?

Porque não acoutum, de modo claro e terminante, a posição que lhe compete? Recejava uma suspensa? Não! Não receia, porque o bispo, apesar do pouco fino que possue, não teria coragem de suspender uma corporação inteira. E quando mesmo o fizesse, o que seria a sua morte moral, era preferivel matar os Eudico, os Guilherme Dias, esses larrões da intelligencia, a insultar seus proprios confrades, honrados magistrados, dignos da veneração publica pela integridade com que nos distribuem justiça.

Felizmente, porém, o clero não se extinguiu. E enquanto padres capitalistas

(No plano do *estilho* Paiz.

se curvavam, o Sr. conego Francisco José dos Reis, humrado o pobre sacerdote maranhense, não quiz assignar esse humilhante protesto!

Bem haja o Sr. conego Reis, que soube com tanta dignidade salvar o nome maranhense.

**COLLABORAÇÃO**

**Os triumphos de Frei Guedelha**

Foragido de Bolem, onde o genio atrahillario e fútil do miquistafara com toda a população e até com o bispo diocesano, aqui chegou aquelle jesuita para continuar na pratica de actos insensatos, cujo unico fim é adquirir uma celebridade ephemera, que desaparece repentinamente, deixando patente o que ha de mais grosso e fraterno.

Nas palestras infantis com os peccos, que por força de circunstancias são obrigados a cercala, manifesta aquelle padre, rididamente perigoso, o lanco desejo de luta e de realizar certos triumphos, imaginarios e supranaturalmente parvos.

A natureza sempre caprichosa indultou aquelle pobre homem. Como padre é completamente prejudicial á causa que procura defender, porque incapaz de luta séria e proveitosa, que faz a convicção aos animos libios, lance-se do braco aberto noreclamatoria das paixões e esquecido da missão de paz e concordia, que lhe impoz a tonsura, cava a seus pés umabyssmo de desconsiderações e desprezo onde afinal cairá acompanhado das multidões dos proprios collegas, cuja existencia atribulada, auxiliado pela inopia de parvos como Antonio Candido. No entanto quão proveitosa não seria esse homem devidamente aproveitado?

A robustez do physico com que o dotou a natureza, a óôr verdadeiramente tropical da sua pelle grossa e pouco sensível, que resiste facilmente aos ardores do sol, dariam com certeza um padarygo auxiliar á lavoura, entre nós tão decadente.

Os pais brucidam muitas vezes a vocação dos filhos.

D'esse homem, que seria um feitor incomparavel, fizeram apenas um pessimo sacerdote, cuja vaidade, sem razão de ser, o expõe quotidianamente á irrisão publica.

Recapitulemos os seus famigerados triumphos:

Aqui chegou ligo-se desde logo a um idolo, que, apesar de estar quasi esandolecido pelo abozo de um vacio baixo e depravado, sonhava ainda com as delicias da santa baptisção e delectava-se anticipadamente com o agradável espectaculo de ver cahir nos logeiras as carnes dos jovens maranhenses, a quem destesta por não terem um physico repellente como o seu.

Assim ligados começaram a luita encicada. A retirada do conego Purificação, um dos mais illustres sacerdotes brasileiros, foi o primeiro triumpho d'essas mediocridades, que receivam ser offensas.

Depois veio a *Crilisação* para ciliar este povo de hevenos.

O povo repellido e os pobres vigarios do interior é que tiveram de sustentar a força esse novento passpim.

Segundo triumpho!

Acessado pela imprensa séria e moralisada, a cuja frente caminha donadado O PENSADOR, mandou o jesuita que um dos seus o chamasse á responsabilidade.

Assim se fez: e o ridículo *latitudo* pagou as custas, desistido do processo e guardou as vehementes censuras do bispo cardeal Arthur Tavaras, que motivaram a questão, como triumpho do seu terceiro triumpho.

Descurando por este constante *trunpho* converteu a gazeta, que até ali conservára tal um qual reserva, em umamudo jaspim, onde a bata jesuitica misturada á biblia androunatica do androgyne Almapesque não poupa nesto o lar domestico.

Um lirioso militar foi alli offendido e buscou na lei a devida reparação.

O triumpho, o conego do luto, o luto que não teve, fugio espavorido, mandando por si um pobre e inexperiente sacerdote afim de provocar a piedade da justiça!

Mas a justiça é recta e não piedosa e por isso a lei foi emprida e lá vai o teste de ferro, cuja lóe fi foi bruciada, senar-se no banco dos réos, em quanto o reaccionario sahorea no covil dos thugs o seu quarto e *ceclabeira triumpho*, que lhe custa talvez quatro contos de réis!

E mais tarde quando esse corpo inutil baixar á valla commum, nós lhe escreveremos na lousa o seguinte epitaphio:

Aqui jaz Montrão triumphador  
Verdadeiro *Quisde* de rapeta;  
Jamais entrou em luita que *pechoso*,  
Acredidae mortas, pois não é póta.

O Moequez de Pombal.

**Uma simplex lembrança.**

E' sabido que o empregado publico, uma vez pronunciado, perde o direito a todos os seus vencimentos. E' isso uma clara disposição de lei, que ninguém desconhece.

E' creio piamente que a thesauraria de fazenda está a par della. Os creditos de que goza aquella repartição fiscal sam uma garantia de que tam commum disposição lhe não escapou ainda a memoria.

Entretanto, para evitar quessquer duvidas, creio dever lembrar-lhe que o conego Ozorio Alhayde da Cruz está pronunciado, e confirmada a sentença pelo Superior Tribunal da Relação.

Ora, o Byd, conego é empregado publico—tam hom como outro qualquer. Como tal, percebe os colros do Estado.

E, portanto, é claro, evidente, que lhe é applicavel a disposição de lei a que me refiro.

Assim, pois, entrego esta questão ao criterio da repartição competente. A ella compete cumprir o seu dever.

E eu creio que o fará.

M. Parvez.

**VARIEDADE**

**Requerimento ao Padre Eterno.**

Dicim Scilicet!

Eu, abaixo assignado, natural da cidade de Boussa, capital da confederação de Borgu na Africa, cá da Terra, humlo a prophecia de um santo enviado de Vossa Divindade, em que marca o dia 15 de novembro do corrente anno para o fim deste melhor das mundos, tenho a ousadia de dirigir a V. Divindade uma supplica.

Divino Senhor! não ignora Vossa Divindade o sobresalto em que nos veio collocar a prophecia a que tenho a honra de referir-me. Sabe Vossa Divindade, que nós, as suas respeitadoras e adoradoras creaturas, temos cá, neste pedago do systema planetario, a nossa fortuna, a nossa familia, tudo enfim que possuímos.

Ora, a realizar-se a bendita prophecia do Santo enviado de Vossa Divindade, ficaremos nós privados de todos os commodos que á familia Brasileira, Justiça e Infallibilidade de Vossa Divindade approvou conceder-nos.

Accrescer, Divino Senhor! que a prophecia do santo homem, portador das deliberações de Vossa Divindade, está determinando que será entregue ás chamas não só este mundo em que habitamos, como tambem a celestial morada de Vossa Divindade. Compreheido bem Vossa Divindade a magoa que de nós se apoderara somente em pensar que Vossa Divindade, em ter de deixar-se chamuscar e assar como um leitão, ou ha de lançar-se cá para baixo, para este globo lá endomestico.

ão desabitado. Em qualquer dos casos, a posição a que Vossa Divindade se vai sujeitar não é das melhores. Não é agradável uma pessoa,—principalmente Vossa Divindade, que tem o poder nas mãos—deixar-se assar como um leitão, assim como não é é tambem sujeitar-se a uma prieda de altura extraordinaria, que é sempre desastrosa e da qual a menor causa que pode resultar é queimar Vossa Divindade uma de suas amáveis pernas.

Nos povem, Divino Senhor! não estamos de maneira alguma resoltivos a passar d'esta para melhor vida. Ainda não estamos satisfeitos de gozar deste mundo incomparavel.

Assim, pois, Divino Senhor! tanto á liberdade de rogar de joelhas a Vossa Divindade que digue-se esperar por mais algum tempo o fim que tem resoltivo dar de nós, que de coração o amamos e adoramos com todas as forças. Para evitar duvidas, eu me encarregarei, caso isso agrade a Vosa Divindade, de scientificar da occasião a mais propicia para dar cabo das nossas estínaves individualidades.

Para provar que nós somos boas pessoas, incapazes da praticar qualquer acto máo, até mesmo de pegar um gato pela cauda, apresento o testemunho dos Srs. D. Antonio Candido d'Alvarenga, conego Dr. João Tolentino Guedelha Montrão, conego José Silvestre Alves de Miranda, conego Ozorio Alhayde da Cruz, e padres Raimundo Alves da Fonseca e Francisco José Baptista, todos insuspeitos a Vossa Divindade.

Nestes termos

Pede a Vossa Divindade

benigno delerimento e

E. R. M.

Maranhão, 31 de Julho de 1881.

Manoel Matheos.

(O nome e a data inutilisavam uma estampilha de 400 rs.)

**ECHOS DA RUA.**

**Telegrammas.**

SERVICIO PARTICULAR DO PENSADOR.

Villa do Para, 1.º de Agosto, 4 h. e 20 m. da tarde:

**Commerciaes.**

Cachaca—subida extraordinaria, grande procura, mercado esgotado. Descontina-se de monchojo eclesiastico.

Cacrosspim—mercado frouxo e repleto. Superabundam as lentes.

Libertinagem—grande carregamento trazido por uma tropa de salimbancos da cidade de Santa Antonia.

**Interesse geral.**

Antonio Candido, mona, Cacrosspim, agogando-se, salva por offido.

Frei Carlos espancado, Chico Pombal, multado, entres.

Rapazinho Ozorio doente, grave, palhao, jurá, não come.

Sen Parvez, velho libertino que abraçou da inexperencia de uma protegida que tinha em casa, foi publicamente soado pela mulher, no meio da rua, á 4 hora da madrugada.

—Este sen Parvez não é, nem se parece com o Sr. Moyses Tude.

Nosso amigo Antonio Candido, apesar das contrariedades que tem soffrido, não se esqueceu de conceder-nos a *ão desajado Jibben*, prohibindo carnes, ovos etc, etc, sem consentido na *gritida*.

—E tem sua razão, porque a *óde* modifica mais do que a fonte.

O estimavel Sr. Cruz, que tem fabrica de cigarras no largo do Carmo, quando a estabelecção, resoltivo, sem duvida por pillheria, baptisala e para esse fim convidou o malandro *Frei Tabaco*. E o velhaco do padre querendo celebrisar o seu nome, denominou-a:—*Tabacaria inriomil*.

—Ora aqui está o nome de um preguiçoso servio para designar uma boa casa de trabalho.

Apesar de estar *prucada*, por duas dízias e meia de advogados, a *innocencia* do *rapazinho Ozorio*, os jurados não tem um *socego*, tantos são os empenhos do *auto* bando do coração. Até já houve lagrimas!

—No passim arrotam fanforrouadas e particularmente commettem toda a sorte de baixezas e humilhações.

O *Vigrio de Piracuna* andava todo ufano mostrando o *Brazil Catholico*, onde somos insultados pelo lacio do papa.

—Como elle não pôde descompor pra que não o fação retratar-se como já o fez o Dr. Brandão, contenta-se em ler as descomposturas dos outros. Pobre pedaco d'isso.

O *perigoso inportado* diz francamente a quem o quer ouvir que, se o Jury condemnar o padre, cuja *innocencia* foi *prucada* por duas dízias e meias de advogados, ha-de escrever a biographia de todos os jurados sem lhes respeitar as proprias familias.

—E' muito insolente este birbaute.

O anno passado que o bispo prohibio a festa de Santa Filomena, a concurrencia foi extraordinaria: e este anno que o *posso* *homen* consentio em tudo, o povo não fez caso, nem lá foi e apenas se ouviu a gritaria dos moleques nos *Cavallinhos* de mestre Chieo.

—Sevêra fiação deste povo lriozo, que sabe castigar as mediocridades, desprezando-as.

Na semana passada andava muito agoniada uma *brada* do *coacção* em procura de gela de mão do vacca para *Frei Magrico*.

—Polro sacerdote! tanto *mlagro* fez... que afinal deo-lhe na fraqueza.

*Mitico* *Fonseca*, o moleque gaiato da *Celisa-orio*, quando entra no Lycoo, não é capaz de litar o retrato, que alli se acha, do illustrado Dr. Jaufret, uma das glórias maranhenses: só porque foi livre pensador!

—Causa realmente compaixão ver-se até onde chega o embotecimento d'esse desgraçado, inutilisado por tão baixo vicio.

O anno passado foi prohibida a festa de Santa Filomena no largo, para evitar *coaculabos publicos*! e este anno consentio-se na mesma festa não obstante *apnelles escandalos*!

Este nosso bispo é realmente um homem de cabeça... grande.

Movimento dos templos. Santo Antonio na sexta-feira última:

- Beatas maltrapilhas . . . . . 13
- Ditas lúpas namoradas . . . . . 18
- Thesoureira de boa estampa . . . . . 1
- Zeladora de dita mediocre . . . . . 1
- Grande chefe das pagés . . . . . 1
- Seu paizinho realista . . . . . 1
- Sua meininga lincea . . . . . 1
- Sen pilão black verniz . . . . . 1
- Cariosos diversos . . . . . 11

NR: *Sen Parvez* tem faltado porque tem o bumbo inchado.

*Sever Pompadour.*

## GEORRÓNICA

Beni tristes vão os últimos tempos para o Maranhão—esta pobre cidade parece que sofre dos nervos e que ultimamente tem sido atacada de um modo lastimável.

Pois se já nem se vai a festa! Dantes as noivas de Santa Filomena davam paneto para as nuças—havia muita concurrencia, muita circulação de dinheiro, muito namoro, muita trauza de doce, muita bobedera e lá uma vez ou outra, para variar—alguma caçada.

Mas o grande facto é que Santa Filomena era uma festa popular, e que o sr. d. Antonio teve a habilidade de acabar com ella.

Entretanto Santa Filomena é uma festa bastante rica e podia si quizesse festejar-se com esplendor todos os annos.

Ora! mas si Nossa Senhora do Carmo, que é muito mais rica não se festa, a outra não é que deve tambem estar agora a matar-se.

Entendo até que Santa Filomena devia ir descaçar, depois de passar a vara á Nossa Senhora do Carmo.

Dantes, quando a ingenuidade e a boafé era uma virtude dos maranhenses, não morria fazendeiro rico que não ligasse a Nossa Senhora do Carmo algum dinheiro, algumas propriedades ou mais communmente alguns escravos—Nossa Senhora do Carmo chegou a ser proprietaria de uma quantidade enorme de escravos, hoje mesmo creio que ainda o é de muitos.

E' uma rica capitalista. Nunca me esqueceré de um facto que bastante me impressionou aos meus 12 annos.—Eu era então estudante do Lyceu, cantava, sem aproveitamento algum, as aulas de francez e geographia dos professores Pedro Guimarães e Tibério.

Nesse tempo havia uma coisa verdadeiramente seria para mim—era brincar, o que estabeleceria entre a minha divertida pessoa e a pessoa austera de meus professores a mais completa incompatibilidade.

Oh! bem que se deve lembrar ainda o dr. Tibério das boas pezas que lhe pegava este seu antigo discipulo!

Bons tempos esses que não voltam mais, em que o bom professor callava commigo e prometia os maiores castigos si eu não mudasse de conducta, mas as tuas promessas ficaram no limbo e o estudando velho convertem-se em um amigo de pezo e medida.

Mas vamos a nossa historia, que é o que sece:

Um dia, em que andava eu nas costumadas estrupadas, metti-me pelo interior do convento com a intenção de encontrar qualquer motivo para alguma nova brincadeira, quando ao passar por um quarto gradejado de ferro, ouvi gemidos dolorosos e opprimidos, como de algem que tivesse receio de ser ouvido.

Prourei descobrir o que aquillo era e com effeito, depois de encarrapar-me na grade de uma das portas, percebi que naquello quarto sombrio e humido estava algem.

E a proporção que meus olhos se habituavam a escuridão fui descobrindo em um dos cantos da prisão um desgraçado mulato, preso pelas pernas em um tronco.

Eu não sabia ainda o que diabo era um tronco e só com difficuldade cheguei a conceber aquelle instrumento abominavel de supplicio.

O mulato, quando me viu, deixou do gemer e voltando com difficuldade a cabeça, riu-se do modo mais idiota e estúpido, que é possível imaginar. Eu senti um arrepijo percorrer-me o corpo e tive nojo do que via.

O tronco estava collocado no chão e fechado em uma das extremidades por um cadeado de ferro; podia constar de seis buracos para pernas e nos dois para pessoas.

● O mulato teve a fortuna de não occupar nenhum dos buracos do pescoço—estava preso pelas canellas, em uma posição encommoda—assentado no chão—as pernas um tanto encolhidas, o corpo virado para frente, e os braços virados para traz, amparando-o.

Eu via-lhe o corpo nu—as largas espaldas, affeitas ao trabalho e ao choro, o pescoço nervoso e destendido pela immobildade do corpo, via-lhe os hiceps cheios de veias contrahidas.

Elle, do vez em quando, voltava a cabeça e ria-se para mim, com uma resignação covarde—allegrava-se-me na chula, um monstro.

Fiz-lhe algumas perguntas a respeito daquello supplicio—elle respondia com a maior calma, como se aquillo fosse a coisa mais natural deste mundo.

Mimad pedis-me um cigarro—eu atirei-lhe os cigarros que tinha no bolso. Elle deixou-se calir de costas no chão e arrastou-se para apanha-los com os dentes. Depois atirei-lhe a caixa de phosphoros e fiquei distrahirido a ver a gymnastica que o desgraçado fazia para accender um cigarro.

Quando sali dali—estava aborrecido e triste. Aquella castigo covarde e torpe, aquelle desrespeito a moral christã e social indignavam-me a ponto de despertar-me no coração uma idéa má—tive vontade de incendiar o convento.

Nesse dia o Dr. Tibério não se queixou de minhas dabruras e pela primeira vez eu considerei minha patria uma terra miseravel, porque consentia, authorisava com uma lei escandalosa o escravo!

Já lá se vão doze annos e entretanto o escravo de Nossa Senhora do Carmo está vivo em minha memoria como si eu o tivesse visto neste instante.

Foi elle quem me despertou a primeira idéa de liberdade—devo talvez a esse desgraçado o grande odio que sinto hoje a tudo que é despótico e oppressor.

Ha doze annos o Maranhão era muito outra coisa do que é hoje—nesse tempo todos os elementos de riqueza e prosperidade estavam perfeitamente equilibrados, mas desgraçadamente o paraíso abre que se firmaram, era um paraíso que apodreceria fatalmente com o progredir dos tempos—esse paraíso era a escravatura.

Lavoura, commercio, familia, religião, politica, sciencia academica, litteratura, tudo girava sobre o paraíso commum, sobre o escravo—o pobre negro aguentava no lombo esse mundo incostante, que ia vivendo de barriga ao vento e pernhia apegado, sem indagar si o paraíso estava forte e resistiria por muito tempo.

Mas um bello dia o paraíso rompeu

a ceder e o desequilibrio não se faz esperar—d'ahi os singulares encontros e abaloamentos que se notam ultimamente em todas as nossas instituições e em todas as nossas classes.

Nada mais do que desarranjo no paraíso. Si elle cade para esquerda—geme o commercio e agarra-se com medo de cair: si cade para a direita—é a lavoura que escorerega si afrouxa para outro lado—é o lar que reclama: d'aqui—estremece a politica: d'ali—gritam as escolas publicas.

Todos vacillam, todos cambaleiam, porque o eixo não está firme e em breve vem ao chão.

Nessa occasião é que seão ellas! Calculo o leitor o boião effeito que produzimos quando estivermos esparralhados. Então a desordem, o barulho, o atrepello são inevitaveis. Todos se querem levantar ao mesmo tempo—agarram-se uns nas pernas dos outros.—Salve-se quem puder!—deixe-me passar!—deixe-me levantar!—o senhor melancia-me! Que m'importa?! Trate cada um de si! Ninguém attendêrê, ninguém se encomendarê—sinto com sigo!

O egoismo nessa occasião solta um lido formidavel e apparece a luta—murchos, agastamentos, facadas, subversões, lido que serve para destruir, para exterminar, apresenta-se espontaneamente—as classes confundem-se, já não ha capitães, o dinheiro derramou-se no chão e mais pillas quem for mais esperto, não se reconhecerem titulos, não se accedem superioridades—cada um representa um odigo. Cada coração tem uma grande virgureta a satisfazer.

E' o reinado da anarchia!

Então as crianças, que não viveram no passado e só conhecem o presente, levantasem com os corações ainda puros e procuram substituir o derramamento de sangue por um derramamento de idéas. E' a continuação da obra de Jesus.

Destes ninfos, que serão os primeiros, tiram-se os mais intelligentes para dirigir os outros.

Clamam-se a isto fazer uma republica.

O desequilibrio que se nota presentemente em todas as instituições, já não dizemos maranhenses, mas sim brasileiras, é o pernilho que vai desarrumando. A luta principia.

Não reparar por ventura o leitor como andam por cá as cousas?! Não percebem já que um corpo estranho oppõe-se ao curso de todas as leis que regiam os antigos agudes de nossa actividade.

Esse corpo, que escapa a vista de muita gente, não é mais do que um grupinho de crianças que não seitam o passado e querem destruil-o para reedificar nas ruínas um novo mundo. Querem substituir o paraíso negro sobre que rodara o mundo velho pelo solido entulho que está hoje formar uma vez desmoronado.

Observe o leitor o commercio maranhense! Dantes havia em nossa praça meia dúzia de velhos commedadores que representavam a lei, a cabeça a sentença.

Quando esses velhos tomavam nas suas mãos decrepitas um pedaço de pau e dizia—E ferro, todos abaixavam a cabeça e repetiam religiosamente—E ferro! Parece que não! mas é—elle, os velhos sabios, os representantes do passado, os depositos da experiencia, tinham

dito, e portanto ninguém se animasse a contrariar, porque passaria por tolo.

Esses velhos, perfeitamente afinados com as velhas instituições metaphisicas e disparatadas que nos vieram de Portugal com D. João VI, tinham-se escravizado ás conveniências, ás formulas—no meio em que viviam a austeridade manifestava-se pela affectação nos costumes, na roupa, na linguagem, nos gestos. Um negociante, que quizesse adoptar-las para modelo, que quizesse seguir os seus sabios precedentes, abraçar a sua escola, ter o seu estylo—não devia uzer ligado, nem passar da jaqueta, quando unido um discreto pallito sacco, não devia apreciar certos gosos, desfrutar certos divertimentos e quanto a leitura—devia ser commedido—nada de litteratura, nada de politica!

A poesia principalmente era um crime de lesa-commercio—o caixeiro ou o negociante que fosse ou escrevesse versos devia ser queimado vivo e as cidades atacadas aos ventos.

Entretanto apparece de repente no commercio um grupo revolucionario que mandou os velhos plantar batatas, deixam crescer o pigode, compram livros de sciencia, de litteratura, assignam todos os jornaes, fallam em politica, propozem-se a deputados, corroyem, fallam, tem opinião, pensam, deliberam.

E este novo grupo, tão franco na apparencia, engulo o grupo dos velhos, tão apparentemente forte.

Isso que succedeu ao commercio está succedendo na escola polytechnica. Foi bastante que dois rapazes, o Eneas de Souza e o Luiz Campos quizessem dismantellar o velho mundo do charlatanismo academico para que isto fizesse uma continencia e medisse o chão.

Teixeira Mendes, uma outra criança, já tinha chido uma boa amostra da superioridade dos moços sobre os velhos em questão de sciencia.

Isso que está succedendo a escola polytechnica hade succeder a politica—os partidos constituidos cedêrão fatalmente o passo ao partido que se está constituindo, e a politica dominante será a politica das rapazes.

Pois bem! e no meio deste confueto, é no mais travado desta luta entre os dois mundos, que um grupo de padres esturros apparece no Maranhão a dizer com uma voz fufiosa que hade converter o feiz ás suas theorias, que hade fazer o participar de suas idéas, que hade brnar o phantico e credulo como foi o mundo na idade—media.

Tem graça!

E para chegar a um glorioso triumpho o grupo publica um jornal—falla de S. Paulo, cita maximas latinas amega com o futuro as pessoas que não o queiram acompanhar e finalmente abra contra os magos a mais desleal e grossolra luta que é possível imaginar.

E para later a geração nova, e para oppor um obstaculo a catadura das idéas modernas que se precipitam por todo o mundo o que fazem os padres?!

Clamam nos vagabundos, fallam de nossos abelhas e de nossos bigodinhos.

E nós? o que devotus responder?

Eu falta de outra coisa, diramos simplesmente—que se lixem!

Maranhão—Typ. de Frias & Filho Imp.

por Antonio J. de Barros Lima.